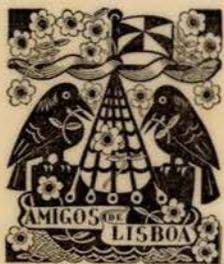


OLISIPO

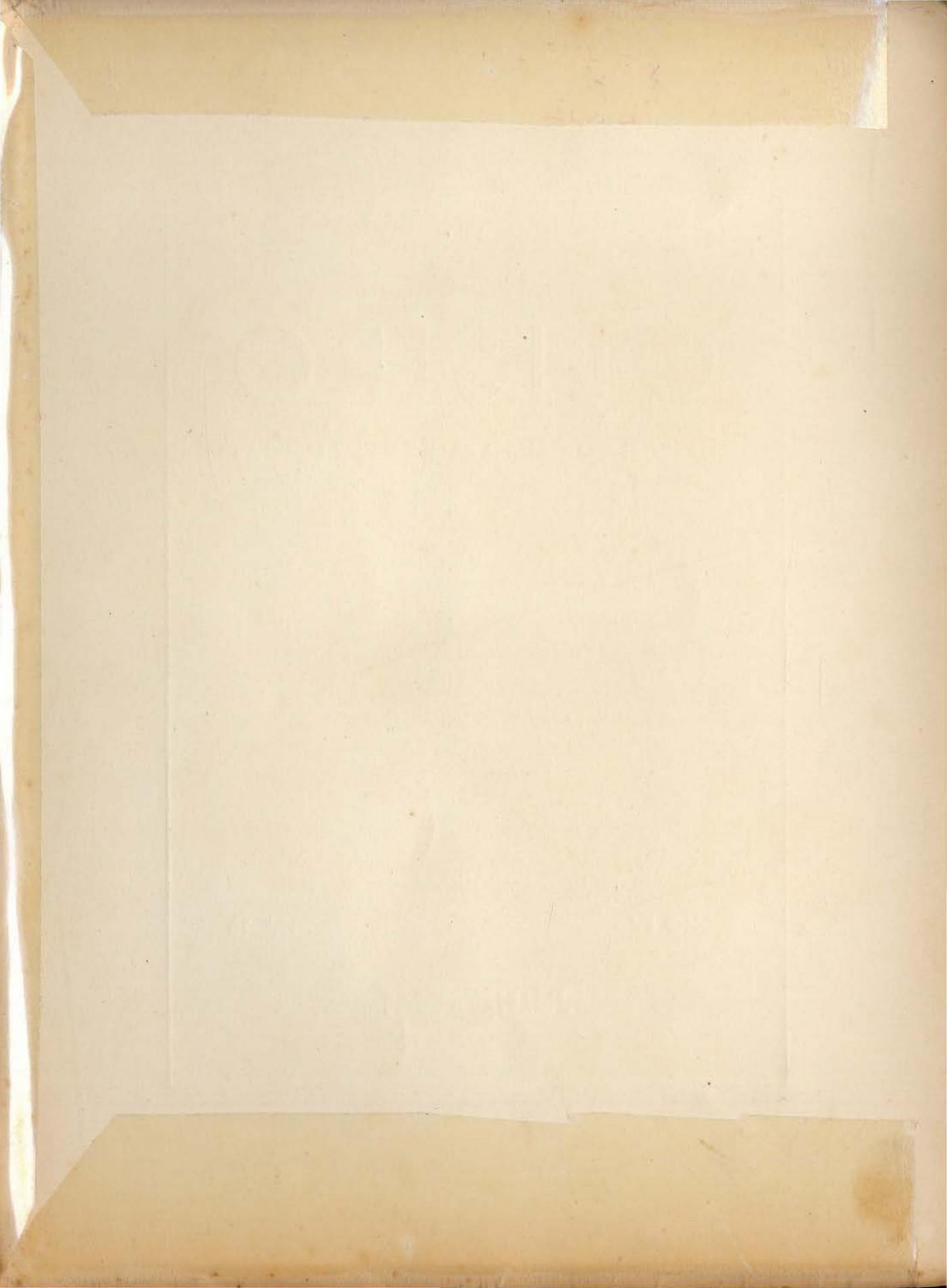
BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO IV

N.º 15

JULHO - 1941



Oferta

-5. JUL 2006

LX

JULHO DE 1941

N.º 15

O L I S I P O

BOLETIM DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

DIRECTOR: GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA, VICE-PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDITOR: DR. EDUARDO NEVES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

SEDE: RUA GARRETT, 62, 2.º — TELEFONE 2 5711

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA LIBANIO DA SILVA — TRAVESSA DO FALA-SÓ, 24 — LISBOA

SUMÁRIO

■ LISBOA DE RELANCE

PELO *Dr. Alfredo da Cunha*

■ A PARÓQUIA DE S. BARTOLOMEU DE LISBOA

POR *Sidónio Miguel*

■ VELHAS CASAS DE LISBOA

PELO *Dr. Frederico Gavazzo Perry Vidal*

■ OS PETISCOS DE LISBOA E O CARNAVAL

POR *Eduardo Fernandes (Esculápio)*



Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores

ÊSTE BOLETIM É ENVIADO GRATUITAMENTE A TODOS OS SÓCIOS

1871

OLIVER

NO. 1000

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

1871

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY



THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY



Dr. Levy Marques da Costa, sócio fundador do Grupo, presidente da sua Assembleia Geral e dedicadíssimo «Amigo de Lisboa», falecido em 10 de Junho passado.

LISBOA DE RELANCE

(EM 1849)

PELO DR. ALFREDO DA CUNHA

TEM sempre especial interêsse para nós, portuguezes, o que de Portugalensem ou escrevam visitantes estrangeiros, ilustrados e inteligentes. Êsse interêsse redobra para os lisboetas, se as observações de estranhos mais particularmente incidem sôbre a formosa capital de que *Olisipo* se arvorou como que em officiosa trombeta da fama.

Assim é que, desde os remotos tempos da conquista da cidade aos mouros, época de que datam as epístolas dos dois cruzados Osberno e Arnulfo, ou, séculos depois, desde a narrativa dos embaixadores venezianos Tron e Lippomani, até, modernamente, às cartas ou relações de viagem de tantos escritores vindos de longe para colherem impressões de Portugal, essas notas, embora fugazes, e, por isto mesmo, nem sempre rigorosamente exactas, são lidas com avidez.

O estrangeiro, em geral, não se prende com certas atenções ou deferências de carácter pessoal, ou com afinidades políticas ou de camaradagem social de qualquer espécie. Observa e comenta, com critério próprio, fora de sugestões que nos nacionais podem influir na imparcialidade das apreciações. Ora estas são mais curiosas quando se não destinam à publicidade e apenas foram fixadas como simples lembrança para exclusivo uso de quem as escreveu, como succede com as que se seguem a êste curto preâmbulo explicativo.

Ainda hoje se lê atentamente, e com proveito, o que, por exemplo, escreveu Jacome Ratton nas suas *Recordações* acêrca de ocorrências do seu tempo em Portugal, relativas a assuntos industriais, comerciais e de administração pública; Adrien Balbi, no tocante a variedades político-estatísticas, e também a ciências, letras e belas-artes, e àqueles que as

cultivavam entre nós no primeiro quartel do século passado; o conde A. Raczyński, no que respeita a artistas e a obras de arte, de que era exímio conhecedor; o conde Pecchio, italiano que esteve em Lisboa por ocasião do movimento vintista e do seu primeiro Congresso; o pastor sueco Ruders, cujas cartas, cheias de observações curiosíssimas, o poeta António Feijó, então nosso ministro em Estocolmo, traduziu, e, por intermédio de quem escreve estas linhas, fez publicar de 1908 a 1912; e muitos outros, cuja enumeração alongaria demasiadamente este artigo, com o qual apenas pretendo tornar conhecido um breve relato doutro sueco, nobre e ilustrado, que em 1849 passou por Lisboa, onde se demorou uma semana, convivendo com pessoas de alta representação.

As relações que mantive com um diplomata, por muitos títulos ilustre, que, durante alguns anos, foi ministro da Suécia no nosso país, e que é neto do visitante de há quasi um século, permitiram que me fôsse facultada a tradução em francês dessas páginas inéditas dum jornal de viagem que os leitores de *Olisipo* decerto apreciarão.

Trasladei-as para português, acompanhando-as de breves anotações elucidativas.

A. DA C.

Extracto do jornal do Cavalheiro W. G. C. Huysen van Kattendyke, official às ordens do Rei, tenente de Marinha, a bordo da fragata Sumatra, em 1849.

LISBOA, 21 de Setembro

Esta sexta-feira, de manhã, fui ao Lazareto com o Barão Hooft. Ali encontrámos o Barão Sirtema de Grovestins, nosso ministro em Espanha e em Portugal, actualmente residindo em Lisboa. Este amável cavalheiro teve para connosco, durante a nossa estada aqui, toda a espécie de gentilezas, e tornou-se-nos muito útil.

Pouco antes da nossa chegada, a Princesa Albert da Prússia, tinha cá estado, mas parece que não causou a impressão favorável que se poderia esperar da visita duma princesa estrangeira.

Sábado fizemo-nos à vela para a cidade, cuja situação é deslumbrante. Edificada sobre sete colinas, é muito saudável, dispõe duma

distribuição de água potável excelente, pelas instalações feitas em 1720 pelo rei D. João V, que desta forma empregou muito proveitosamente os tesouros que tirou das minas de ouro do Brasil.

Lisboa conta 300.000 habitantes.

Chegados a terra, fizemos as visitas regulamentares ao Barão de Grovestins e ao cônsul geral Pilaar.

Em casa do nosso ministro encontrámos o engenheiro holandês Pleterse, com quem visitámos o Arsenal de Marinha, onde está empregado na instalação duma cala sêca. Êste homem inteligente e polido é aqui muito bem visto pelo serviço que presta, e faz honra ao nosso país.

Percorremos esta parte da cidade que, depois do terramoto de 1755, foi reedificada no reinado de D. José pelo Marquês de Pombal. As ruas direitas, com duas grandes praças, contam-se entre as mais belas que conheço. A praça chamada do Comércio, com a estátua eqüestre de D. José, é cercada de palácios em que funcionam os ministérios; a outra praça, de D. Pedro, realça-a o novo teatro de D. Maria II, no qual presenciámos, à noite, a representação do *Templo de Salomão*. Assistiram a rainha e o marido.

Notam-se em Lisboa muitos edificios que custaram tanto dinheiro, que se renunciou a terminá-los. Por exemplo, o palácio da Ajuda, destinado a alojar todos os soberanos da Europa com as suas comitivas.

A rainha possui, além do palácio de Sintra, mais dois, e a sua família dois ou três menos importantes.

Muitas casas particulares deixaram de reconstruir-se depois do terramoto, de sorte que Lisboa, ainda que em parte completamente reedificada, tem, aqui e ali, o aspecto duma cidade em ruínas.

No centro da capital — que, entre parêntese, é uma das maiores do mundo — notam-se campos cultivados, extensos parques, fachadas de palácios senhoriais cujos jardins estão, em parte, transformados em oficinas, igrejas parcialmente desaparecidas, numa palavra, um aglomerado de edificios sumptuosos e modestos, grandes e pequenos, construídos em rampas escarpadas que hesitaríamos em trepar, e de encontro às quais não ousaríamos certamente fazer casas. Tudo isto me deu a ideia dos desastres que o terramoto de 1755 devia ter causado.

Por isto mesmo, porém, há sítios donde se gozam vistas soberbas sôbre a cidade e sôbre o rio, com os seus muitos navios à vela, e nunca

esquecerei a impressão que me causou o panorama que oferece Lisboa do terraço de S. Pedro de Alcântara, perto da igreja de S. Roque.

Fomos para o hotel de França, no Cais do Sodré, onde o sr. e a sr.^a Langlois faziam as honras da casa muito atenciosamente. Disseram-me ser o melhor hotel de Lisboa, e aí estivemos com muito conforto.

23 de Setembro

Domingo de manhã, demos, cedo, um lindo passeio a cavalo pelo Campo Grande ⁽¹⁾, regressando, se me não engano, por Benfica, onde vimos as mais belas instalações de abastecimento de águas.

Às 11 horas achavamo-nos a bordo, para a recepção oficial do nosso ministro de Grovestins, mas em seguida voltámos a terra, para irmos ao Passeio Público, situado no meio da cidade, e que é muito grande. De lá fomos à Mãe de Água. Este reservatório é o mais belo que tenho visto. É monumental. Os condutos de água são cobertos, e seguimos o aqueduto, que atravessa um vale de cinco horas de caminho em direcção a Sintra. Nesta ocasião notei os moinhos de vento de oito asas, que são mais leves do que as dos nossos, e por este facto não precisam de eixos pesados.

A terra aqui é muito fértil e o país montanhoso. Tirando as laranjeiras e as oliveiras, poucas árvores se vêem. O número de vinhas dá ideia da quantidade de vinho produzido nesta região. As boas qualidades vêm, contudo, de Colares, enquanto que o Moscatel vem da banda de lá do Tejo. O Carcavelos tem fama. O vinho de Colares, perto de Sintra, corresponde ao bom Bordeus, mas não se conserva.

As videiras ajudam muito a embelezar os jardins dos arredores de Lisboa, que são muito bonitos. Empregam-nas para fazer *charmilles* de 7 ou 8 pés de altura, cujo efeito é lindíssimo. Muitas vezes senti que a

(1) Referindo-se a este passeio, escreveu Jacome Ratton em 1815: «Tambem se lhe deve (ao ministro do tempo de D. Maria I, D. Rodrigo de Sousa Coutinho) a redução do inculto Campo Grande a hum bello passeio plantado de arvoredos, que fará o recreio, e mesmo hum objecto de saude para o publico; e oxalá que o mesmo se faça do Campo-pequeno, e que destes lugares se construa huma amena estrada plantada de arvores até a cidade de Lisboa.» *Recordações*, pag. 167.

nossa querida Gustavine (a esposa do escritor) não estivesse connosco para admirar tôdas estas belezas, principalmente quando visitámos os jardins do Marquês de Farrobo ⁽¹⁾ e os, ainda mais favorecidos pela natureza, do Marquês de Faial. ⁽²⁾

Cumprê reconhecer que o clima delicioso e o solo fértil auxiliam o bom gosto dos habitantes na realização do que vemos à nossa volta. Nos jardins que citei, nada foi esquecido para obter tudo o que agrada à vista e ao sentimento.

Portugal conta três milhões de habitantes. O exército compõe se de 14 a 15 mil homens, e a marinha não tem a importancia de outrora. O govêrno é uma monarquia constitucional com duas câmaras (côrtes) que se reúnem no dia 1 de Janeiro, durante seis meses, e entram

⁽¹⁾ O jardim do conde (é não Marquês) de Farrobo, na estrada de Benfica, é o bem conhecido parque, que actualmente serve de instalação ao Jardim Zoológico e de Acclimação de Lisboa.

⁽²⁾ O jardim do Marquês de Faial é aquele em que um dia, a convite do primeiro Duque de Palmela, Garrett esteve de visita, como escreveu na poesia — *No Lumiar — das Folhas Caídas*,

...entre essas flores,
A qual mais bella e de mais longe vinda
Esmaltar de mil côres
Bosque, jardim e as relvas tam mimosas,
Tam suaves aos pés...

Gabriel Pereira, no opúsculo — *De Bemfica á Quinta do Correio-mór* — escreveu àcêrca dêste formoso parque :

«O duque de Palmella, D. Pedro, homem de espirito cultissimo e fino gosto, gostava immenso da sua quinta, augmentou-a com a que pertencera á casa dos marquezes de Olhão, depois ao conde da Povoá, e algumas de menor importância, e assim formou a grandiosa quinta actual, com o seu palacio, e grande pavilhão, jardins, estufas, avenidas de grandes arvoredos, obras de arte de merecimento.

«Sendo de forte declive o terreno, tiveram de fazer grandes socalcos, o que dá effeitos raros, perspectivas inesperadas a edificios e arvoredos. Há ahí bellos exemplares vegetais, a *Araucaria excelsa* é a primeira plantada em Portugal, o *Dragoeiro*, ainda que um pouco mutilado, é bello exemplar, a *Araucaria brasileira* compara-se á celebre do jardim botânico de Coimbra; cedros, platanos e ulmeiros seculares alastram fechadas sombras.»

muito o bom andamento dos negócios do Estado. Há muitas intrigas, e os impostos não se cobram suficientemente, sobretudo nas províncias. A independência e o orgulho da nobreza e dos funcionários, que, não estando sempre pagos, se pagam, às vezes, por suas próprias mãos, eis os grandes males que afligem o país. Acumulam-se num só possuidor enormes fortunas, o que impede a circulação, porque estas fortunas estão, em grande parte, na Inglaterra. O dinheiro é caríssimo em Lisboa, e a taxa de juro de 1 a 2 por cento ao mês.

A polícia de Lisboa é excelente, e mantida por uma guarda municipal de 1.000 a 1.200 homens, comandada pelo coronel da Fronteira, irmão do marquês do mesmo título, ao qual fui apresentado pelo barão de Grovestins. Hoje fui visitar o Visconde de Benegatel (Benegazil) Polycarpo Machado, primo da baroneza de Tuyll, mas não o encontrei em casa.

24 de Setembro

De manhã, quando estava de serviço, veio pagar-me a visita a bordo. Convidou-me a ir na terça-feira a sua casa, no campo, às Laranjeiras, o que aceitei agradecido. Os outros oficiais assistiram hoje às cerimónias pelo repouso da alma de D. Pedro, pai da Rainha. Os officios religiosos realizaram-se na igreja de S. Vicente de Fora.

25 de Setembro

A convite do Visconde Benegatel (Benegazil), fui, pelas 2 horas, a sua casa, no Largo do Caldas ⁽¹⁾ e dali ao *cercle*. . . Tem êste a reputação de liberal e de ser composto de aristocratas descontentes, a

(1) Devia ser o prédio com o n.º 179, da rua da Madalena, «mandado construir por Polycarpo José Machado, entre os anos de 1768 e 1770», segundo informa o ilustre ulisipógrafo sr. Luiz Pastor de Macedo, no seu interessantíssimo livro — *Tempos que passaram*, pág. 117.

O outro Polycarpo Machado, com quem o official sueco teve relações, e a quem chama Visconde Benegatel, devia ser neto daquele acima citado, e foi agraciado com o título de Visconde de Benegazil em 2 de Julho de 1846.

cuja frente está o duque de Palmela. Os salões são formosíssimos. Além dos que se abrem diariamente, há os que servem para bailes no inverno. Visitámos também um hospício de expostos — a Misericórdia — junto à igreja de S. Roque. Esta é muito interessante, por motivo da capela real que o rei D. João V ali fez construir. Tem fama pelos seus magníficos mosaicos, segundo as obras primas de Miguel Angelo, Guido e Rafael.

Pelas 4 horas fomos às Laranjeiras. A casa é deslumbrante. Uma das filhas do Conde (de Farrobo), Maria do Carmo, jôvem de 16 anos, encantadora, parece, pela sua alegria, ser o verdadeiro sol naquela casa. Sentei-me a seu lado, à mesa, e muito me diverti. A condessa, porém, preferiu conservar-se calada. Demos um passeio pelos admiráveis jardins, e depois duma sessão de música, fui para a *soirée* do Marquês da Fronteira, em Benfica. Ali encontrei-me com o encarregado de negócios de Inglaterra, Howard, o infeliz marido da bem conhecida Lady Elliot, que está dêle separada.

Nessa noite tive a honra de ser apresentado ao duque e à duquesa da Terceira, a uma dama de honor da Rainha, ao marquês de Fayal, a Costa Cabral, e a alguns diplomatas. Howard teve a amabilidade de me reconduzir à cidade, porque chovia torrencialmente. Esta *soirée* confirmou-me na opinião de que nas classes superiores de todos os países as maneiras e costumes são absolutamente os mesmos, e que, se se deseja conhecer as particularidades dum povo, tem de se freqüentar as outras classes da sociedade.

Por exemplo: o conde Machado, ainda que ostentando um título sumptuoso, não pertence à primeira nobreza de Portugal (o pai era negociante de grande merecimento e capacidade) e na sua casa impressionou-me o bom tom simples dos filhos para com os pais. As salas são singelas, mas confortáveis e bem arranjadas, as refeições são excelentes, sem luxo excessivo, e agradou-me ver os filhos beijarem os pais no fim da comida.

26 de Setembro

Na quarta-feira de manhã, depois de tomar banho no Tejo, recebi convite para almoçar com o barão de Grovestins e para assistir a um

pliquenique em Nova Sintra, num restaurante dos arredores de Lisboa. Depois de ter visitado a casa da Moeda, fomos de omnibus ver os jardins dos Condes de Farrobo e Marquês de Fayal. O Conde de Farrobo fez construir, com grande luxo, um teatro para amadores, destinado a numeroso público. E' um grande apreciador e protector das artes. Interessa-se igualmente por muitas outras coisas de que os seus amigos se utilizam. Na sua *ménagerie* vêem-se um lião e uma liôa, mais bem alojados do que no Jardim Zoológico de Aix-la-Chapelle, hienas, tigres e uma colecção de aves raras. Divertimo-nos muito e almoçámos ao ar livre.

27 de Setembro

Quinta-feira de manhã fomos ao palácio de Sua Majestade Dona Maria II, a-fim-de sermos recebidos em audiência. A Rainha conversou alguns instantes com o barão de Grovestins e com o comandante, enquanto o Rei D. Fernando nos dirigiu algumas palavras. Os dois soberanos foram muito amáveis.

Impressionou-me a simplicidade de maneiras para com a sua comitiva.

Diz-se que o régio par vive felicíssimo.

O Rei interessa-se muito pela construção do palácio de Sintra e ocupa-se com a educação dos seus encantadores filhos.

A PARÓQUIA DE S. BARTOLOMEU DE LISBOA

(CONFERÊNCIA REALIZADA NA IGREJA DE S. BARTOLOMEU, AO GRILLO, EM 10 DE DEZEMBRO DE 1939, EM VISITA DO GRUPO AMIGOS DE LISBOA À REFERIDA IGREJA, AO RECOLHIMENTO DE NOSSA SENHORA DO AMPARO E AOS RESTOS DA ANTIGA IGREJA DO BEATO ANTÓNIO)

POR SIDÓNIO MIGUEL

(Conclusão)

A congregação de S. João Evangelista vivia pobre e humilde, como temos ouvido, e parece que a fábrica do convento e da igreja ficou apertada e mesquinha. No último têrço do século XVI, decorrido apenas pouco mais dum século da sua fundação, igreja e convento precisaram de ser reconstruídos. Aparece-nos então na história duma e doutro o padre António da Conceição ⁽¹⁾. Foi êle quem, sem encargo para a congregação, tentou e conseguiu reconstruir convento e

(1) Frei António da Conceição (o Beato António) nasceu em Pombal em 12 de Maio de 1522 e morreu no convento, que teve o seu nome, em 11 de de Maio de 1602. Foram seus pais Jorge Borges da Cunha e Lucrecia Leitoa.

Prêgando e aconselhando, tinha muito na boca as máximas seguintes: «Morte certa, hora incerta, pena eterna, juiz rigoroso, al do preguiçoso». «Coração limpo, língua refreada».

E na última doença confessava-se «*paratus et non turbatus* (preparado e não perturbado).

igreja, a-pesar-de não ter recursos, pois diz a tradição que de seu apenas contava com setecentos réis. Mas o virtuoso padre não teve dificuldade em multiplicar os seus poucos meios para a obra ou, se dificuldade teve, venceu-a heroicamente. Ajudava-o a fama de santo, porque já em vida lhe chamavam o Beato António — donde, V. Ex.^{as} estão vendo, o nome de Beato, dado ao sítio e que ainda lá está numa alameda e numa rua, o que não é um dos menores milagres seus depois da morte. Assim pôde conseguir que nobres, como populares, o próprio rei D. Sebastião (1) que a miúdo o visitava, lhe dessem dinheiro e braços, a-pesar-do plâno do novo convento e da nova igreja ser majestoso. Tudo foi edificado desde os alicerces. Entretanto, passados êstes tempos, os Bons Homens de Vilar, enobrecidos com o título de cônegos e com outras regalias pontifícias, foram adquirindo bens por legados de pessoas devotas e padroados de igrejas que apresentavam, de forma que a congregação chegou a ser uma das mais ricas do país. Alguns papéis da Torre do Tombo o confirmam. O seu prelado maior denominava-se Dom Reitor Geral e gozava de honras episcopais. S. Bento de Xabregas, cabeça da ordem, tinha no século XVIII um rendimento anual que excedia trinta contos de réis, o que era soma apreciável para o tempo, como V. Ex.^{as} sabem.

E havia ali as capelas do rei D. Pedro de Aragão, (2) de quem já falei, irmão da fundadora; do conde de Linhares, de quem vamos falar; do bispo D. João de Azevedo; dos Figueiredos, de Alvaro de Matos Leitão, de André Pires Rebêlo, de João Lopes de Sequeira, de Alvaro de Azevedo, do Cabido, de D. Pedro de Noronha, de Lopo Ferreira, de António da Franca, de Luisa da Franca, do sapateiro do convento Jorge Fernandes, do padre Lourenço Martins, de D. Antónia da Silva, mora-

(1) Também Miguel de Moura, o famoso secretario de estado e depois um dos governadores do reino, contribuiu muito para esta reconstrução.

(2) O rei D. Pedro de Aragão doou a êste mosteiro duas quintas que tinha aos Olivais, outra em Alvalade, uma marinha e um pinhal em Alcochete e todos os bens que tinha em Benavente e termo.

Instituiu em 1457 duas capelas, uma de S. João Evangelista, com missa e responso por alma da rainha, sua irmã; outra de Nossa Senhora da Conceição com missa por sua alma no primeiro altar do corpo da igreja, à direita. O rendimento remanescente seria para enfermos e pobres.

dora na rua da Barroca e viuva do doutor António Leitão de Aguiar, tudo capelas que representavam importantes doações e legados, embora com encargos de missas «enquanto o mundo durasse».

Entre os padroados, tinha os de S. Miguel de Sintra, S. Leonardo e S. Pedro de Atouguia, S. João de Rio Maior, etc.

Esta reconstruída igreja de S. Bento de Xabregas aparece-nos nas resumidas descrições dos dicionários, que têm seguido na esteira de Vilhena Barbosa, como um templo de ordem dórica, duma nave, grande, formoso, alegre, com majestosa capela-mór, espaçoso cruzeiro, soberbo frontispício com um bem lançado arco da portada, gradaria e duas elegantes tôres. O convento foi chamado por Gonzaga Pereira obra de plano, alçado e corte feitos com tino ⁽¹⁾.

A igreja comportava mil fieis e tinha treze capelas, cinco por cada lado do corpo, duas no cruzeiro e a capela-mór.

Lembra-se na capela-mór o formoso quadro do retábulo que mostrava S. João Evangelista escrevendo o «Apocalipse», obra de Joaquim Manuel da Rocha. As imagens que ali se viam eram as de Nossa Senhora, de S. João Evangelista e de S. Lourenço Justiniano. Das capelas, a primeira à esquerda de quem entrava era de S. Bartolomeu, a última antes do cruzeiro a do Santíssimo Sacramento, tôdas bem acondicionadas. A primeira da direita era do Senhor dos Passos. Tôdas as capelas tinham imagens de madeira, excepto a da Senhora das Barracas que tinha um quadro de Fernão Gomes, datado de 1500, retocado por Vieira Lusitano.

Em tôda a igreja, na portaria, no convento, na capela do reitor, havia ainda, diz Gonzaga Pereira, ricos painéis. E parece que, segundo informação do digno empregado da Companhia Industrial de Portugal e Colónias que me acompanhou numa visita recente aos restos do templo, também havia ha poucos anos nas paredes do corpo da igreja notáveis azulejos.

Falei na capela dos Linhares. Eram os antigos Linhares da nossa

(1) No vestibulo de entrada ou galilé havia permanentemente a exposição dos milagres de Nossa Senhora das Barraquinhas, que tinha uma importante irmandade.

Outra irmandade importante ali havia, que era a de Nossa Senhora do Vale, venerada já na antiga igreja, ao Castelo, e cuja imagem veio para Portugal do vale de Roncesvalles (Pirineus) por mão da rainha D. Leonor, mulher de El-Rei D. Duarte.

nobreza. Digo antigos, porque os actuais veem da renovação do título nos Sousas Coutinhos, por mercê de D. João VI. Aqueles Noronhas eram ricos de haveres e megalómanos.

Nos restos dêste templo, que estamos recordando, lá estão os túmulos de quatro deles. Os ossos de D. Filipa de Sá, mulher do terceiro conde, viuva sem filhos, que deu os seus haveres aos Padres Jesuitas para dormir o último sono na grandiosa igreja de Santo Antão-o-Novo que quis fundar, acabaram por perder-se depois do terramoto. A sua pedra tumular encontra-se na actual capela do Hospital de S. José, antiga sacristia da maravilhosa Igreja.

Na capela-mór do Beato ainda lá estão do lado do Evangelho o túmulo de D. António de Noronha, primeiro conde de Linhares, e de sua mulher D. Joana da Silva e o que era destinado ao segundo conde D. Francisco e a sua mulher D. Violante de Andrade. O autor do *Ceu Aberto na Terra* conta-nos porque D. Francisco não chegou a repousar neste túmulo e ficou noutro que lhe foi dado no vão do altar, o que quer dizer que de lá desapareceu. Falam autores em túmulo ou túmulos que ali houve sôbre elefantes de mármore. Não os ha hoje. Do lado da Epístola vêem-se o do terceiro conde D. Fernando, marido de D. Filipa de Sá, e o de D. Antão de Noronha, primeiro filho do segundo conde, morto em Ceuta em 1552.

Lá se lembra também D. Joana de Noronha que não casou, filha do conde D. Francisco e da condessa D. Violante e fundadora ou restauradora da capela-mór. Mas não ficaram ali os seus ossos. Morreu no mosteiro de Nossa Senhora da Anunciada, onde quis a sua sepultura.

A capela-mór do Beato ficou concluída em 1622. Frei Francisco de Santa Maria fala-nos da suntuosidade dos seus mármorees brancos faxados de jaspes vermelhos, que ainda podemos hoje admirar. Os santuários das relíquias, o excelente retábulo e o perfeito sacrário é que já lá não estão ⁽¹⁾.

(1) No tempo de Frei Francisco de Santa Maria as outras capelas do templo eram, no cruzeiro, do lado da Epístola a de S. Lourenço Justiniano, do lado do Evangelho a de S. Bento. Havia já instituídas no corpo da igreja as seguintes: do lado da Epístola as de Cristo Crucificado e de Santo António; do lado do Evangelho a da Senhora da Conceição e a sepultura do Beato António. Gonzaga Pereira viu, no

Pois tudo isto, que V. Ex.^{as} estão ouvindo e presentindo de alto valor histórico e artístico, não salvou a igreja da destruição no primeiro terço do século passado. A tuba do progresso abafou os protestos (1). Conta Gonzaga Pereira a êste respeito que, com a saída dos Loios, ficou a vigararia nas mãos dum arrábido gordo, que pediu a mudança da freguesia para S. Francisco (onde está hoje a Fábrica de Tabacos, como já disse) ou aqui para o Grilo, a-fim-de acomodar a sua pessoa. E assim conclui a notícia da mudança:

«Mudou-se em 27 de Dezembro de 1835. Veiu o Santíssimo em

seu tempo, na primeira capela à direita de quem entrava o altar do Senhor dos Passos; na primeira à direita o de S. Bartolomeu. A capela do Santíssimo Sacramento era a quinta da esquerda ou a primeira descendo do cruzeiro.

(1) A visita dos «Amigos de Lisboa» aos restos da igreja do Beato António, em 10 de Dezembro de 1939, foi iniciada pelo claustro, cuja grandeza, sobriedade (não frieza) architectural e majestosa nobreza não escaparam aos visitantes. Mostra-nos o que foi. Creio ser o que por vezes se chama o Claustro Novo. Deve ser já do século XVIII, porque Frei Francisco de Santa Maria não nos fala nele, salvo erro, mas num acanhado claustro que não sei se existe hoje. O Hospital, de que nos dá conta Gonzaga Pereira, esteve certamente instalado nesta parte do edificio.

Entraram depois os visitantes no recinto da igreja, cujo teto só pode ser visto, subindo-se ao último andar das instalações fabris que a ocupam. Vale a pena ir lá acima. Vê-se o teto da igreja e apanha-se a planta e a ossatura geral do edificio.

A capela-mór vê-se cá em baixo, Está pejada pelo forno, mas mostra ainda nas paredes laterais os mármorees que as revestem e os túmulos dos Linhares.

Está perto a sacristia, relativamente bem conservada.

Os embrechados da cerca do convento já estavam em ruínas em 1687, ou seja no tempo de Frei Francisco de Santa Maria, que nos lembra um chafariz de brutescos com invenções de levantar a água.

Todos sabem o que são embrechados. O conde de Sabugosa definia-os por «mosaicos caprichosos, incrustações variegadas, seixos multicores, conchas, fragmentos de louças, contas, cristais, adornos de grutas, vidros, etc.» Um pouco de tudo isto pode ver-se ainda, bem como o que resta da gruta, onde houve, em figuras de tamanho natural, a reconstituição escultórica da morte do Beato António.

Da biblioteca resta a sala. A escada é considerada por alguns não inferior à de Mafra e uma das três notáveis escadas conventuais de Lisboa que são, além desta, a do Grilo e a da Graça. Está num patamar um dos sinos da igreja.

Todos os visitantes saíram do arruinado edificio da grande igreja e convento, sob a impressão desoladora dum crime ali cometido contra a Arte e contra a cultura histórica, sem dúvida o maior que Lisboa sofreu, depois do grande, do incrível, de Santo Antão o-Novo.

procissão, indo os seus fregueses cheios de lágrimas para o seu vigário ficar à larga. O templo foi destinado a Panteon dos Nobres e por este motivo e do Rev.^m Vigário se arruinou um dos melhores templos de Lisboa».

Mas Gonzaga Pereira não viu o pior. Contam-no resumidamente os autores do *Dicionário Portugal*:

«Em 1834, quando se extinguiram as ordens religiosas, o convento ficou servindo de Hospital Militar e um grande incêndio o destruiu em parte. (Estava então no convento um batalhão dos Açôres, diz Gonzaga Pereira, e do incêndio apenas escaparam noviciado, refeitório e cosinha).

Por alguns anos esteve em ruínas — continua o *Dicionário Portugal* — sendo mais tarde destinado a depósito de monumentos históricos, o que não teve efeito. Depois foi dividido em lotes e vendido a diversos particulares, que o reedificaram, adaptando-o a casas de habitação e a armazens de vinhos. Um dos arrematantes, a firma João de Brito, estabeleceu na parte que comprou, a par dos seus armazens de vinho, uma grande fábrica a vapor de moagens, de pão e de bolachas. No convento havia duas coisas dignas de menção: a livraria que constava de dez mil volumes e a escada conventual pela sua beleza e magnificência, construída de mármore branco e côr de rosa e guarnecida de balaustradas com estátuas.

Hoje, mercê da amabilidade da direcção da Companhia Industrial de Portugal e Colónias, que sucedeu a João de Brito na posse do edifício, podem V. Ex.^{as} ver lá ainda a sala que foi biblioteca e a bela escadaria conventual, de mármore branco e côr de rosa, onde já não há estátuas, mas onde pode ver-se um dos sinos da igreja. Verão também V. Ex.^{as} as ruínas do célebre embrechado, já ruínas no tempo de Frei Agostinho de Santa Maria, e as da gruta, onde estava representado, em figuras de tamanho natural, o passamento do Beato António.

A este convento estavam, pois, ligadas grandes memórias históricas. Outras lembrarei. Entre elas as visitas que El-Rei D. Sebastião ali fazia ao padre António da Conceição (o Beato António), cuja ossada parece ser a que, depois da profanação da grande igreja, passou aqui para a capela do Recolhimento de Nossa Senhora do Amparo e, com a demolição desta capela, aí por 1911, para o côro da Igreja onde estamos.

Também D. Sebastião ali veio visitar o virtuoso padre nas véspe-

ras da partida para a Africa e ali lhe foram seguramente vaticinadas essas vitórias, que a mente pressaga de Camões vaticinava ao vencido de Alcácer-Kibir, por aí carregado ainda com culpas que eram de todos os do seu tempo. Ali veiu receber confôrto na morte o maior capitão dessa época, a quem nós próprios atribuímos a conquista de Portugal, não querendo ver que conquistado estava êle para a união dinástica de 1580 por mais dum século de teimosa política da união das duas corôas feita dum e doutro lado da raia. Adivinham V. Ex.^{as} que me refiro ao duque de Alba, que ali foi, moribundo, dos paços da Ribeira, para receber na morte a benção do virtuoso padre. Ali vinha depois ouvi-lo também, como Castilho conta, o duque D. Teodósio, pai de D. João IV.

Na capela-mór da igreja estiveram ainda depositados desde o terramoto, as cinzas da infanta D. Catarina, filha de El-Rei D. Duarte, idas do convento de Santo Eloi. O túmulo foi para o Museu Arqueológico, creio. As cinzas da infanta não sei para onde. E ali fez os seus primeiros estudos como noviço da congregação até 1834 alguém que eu não quero esquecer. É o insigne erudito Inácio Vilhena Barbosa, cujo *Itinerário no Arquivo Pitoresco* tem sido a principal fonte de informações sôbre êste sítio.

Demorámo-nos muito no grande templo de S. Bento de Enxobregas, onde esteve esta freguesia depois do terramoto até 1835. Não podíamos demorar-nos menos e ficou por dizer tudo quanto podia ser dito do padre António da Conceição. Aos de V. Ex.^{as} que queiram conhecer a sua vida e os milagres que lhe foram atribuídos e lhe justificaram a beatificação, aconselho a leitura da obra que tenho citado: *Céu Aberto na Terra* de Frei Francisco de Santa Maria.

Passemos agora a esta igreja que foi dos Irmãos Descalços de Santo Agostinho, ordem fundada em Portugal em 2 de Abril de 1663 com o cerimonial que consta do *Santuário Mariano*. Nesse dia de Nossa Senhora dos Prazeres aqui se descalçaram o fundador e primeiro prelado, Frei Manuel da Conceição, confessor da rainha D. Luiza de Guzman, que o protegeu nesta fundação, e mais quatro religiosos graciosos que foram Frei Inácio dos Anjos, Frei Bartolomeu de Santa Maria, Frei Domingos da Madre de Deus e um irmão leigo. Descalçaram-se também cinco religiosas, das quais foi primeira superiora Madre Maria da Apresentação, vindas das Mónicas, casa de freiras agostinhas.

Também nesta ordem havia os calçados e os descalços. Os agostinhos calçados tinham já em Lisboa as casas de Nossa Senhora da Graça, Penha de França e Coleginho. Na província as de Pena-Firme, Vila Viçosa, Torres Vedras, Santarém, Montemor-o-Velho, Évora, Castelo Branco, Coimbra, Tavira, Arronches, Leiria, Loulé, Porto, Braga e Lamego.

A cerimonia foi precedida duma procissão que veio desde a ermida de D. Gastão Coutinho, a tal hoje difficil de localizar, mas que teria sido nas proximidades da Calçada e das Escadinhas que chamamos de D. Gastão.

A primeira pedra desta casa foi depois lançada por D. Afonso VI, acompanhado do irmão, em 15 de Maio de 1666.

Já aqui se dava a todo êste sítio o nome de Grilo, o qual passou aos frades agostinhos por todo êsse país. A quinta era então de Gonçalo Vasques da Cunha e a igreja chamou-se de Nossa Senhora do Monte Olivete por haver aqui numa capelinha então demolida uma devota imagem do Senhor no Horto, que passou para a portaria do convento. Não sei se será ainda a que temos hoje, na segunda capela do lado da Epístola.

A igreja então construída ardeu em 1683, depois da meia noite de 23 de Outubro, conforme nos conta miúdamente o *Santuário Mariano*. Estava armada para o Lausperene, a comunidade rezava no côro, a nave continuava cheia de gente.

O trono de lumes, ou monte, como lhe chama o piedoso autor, era feito de carqu-ja e ornado de santos de cera. Rezava-se o salmo xvii de David: *Ascendit fumus in ira ejus et ignis a face ejus exarsit Carbones succensi sunt ab eo*. (Subiu fumo na sua ira e saiu fogo ardendo do seu rosto. Por êle foram incendiados carvões).

Caíu então uma vela que logo pegou fogo à carqueja do trono e levantou a natural chama. A igreja era pequena e baixa — diz o autor, o que bem nos faz compreender que não era esta — e forrada de pinho de Flandres, velho e sêco. O fogo correu pelo teto, penetrou no côro. Dos frades que estavam no altar nenhum teve coragem para retirar a sagrada custódia. Tentou o um popular mais animoso, mas não pôde. A custódia estava atada. Em duas horas tudo ardeu.

O piedoso Frei Agostinho liga o sinistro à queda da espada da

mão de Afonso Henriques da fachada do convento de Alcobaça e à quebra em pedaços da espada de pedra da estátua jacente de El-Rei D. Duarte na Batalha. Tudo isso coincidia com a restituição de Tânger aos mouros que nesse dia precisamente lançaram os cristãos da famosa praça, mais dum século antes conquistada pelos portugueses. Cristãos que em 1683 eram os ingleses, a quem a tínhamos cedido e que preferiram restituí-la aos mouros, a-pesar-da nossa vontade de a reaver.

O Lausperene passou então para a Igreja vizinha das Religiosas da mesma ordem, fundação mais directa ainda da rainha D. Luiza de Guzman. Ali prègou Frei José dos Mártires: *Omnia quae fecisti, Domine, in tuo judicio fecisti*. (Tudo o que fizeste, Senhor, o fizeste por teu desígnio).

Já agora direi a V. Ex.^{as} que as outras casas desta ordem reformada de Agostinhos Descalços eram em Lisboa a da Boa Hora, onde estão hoje os tribunais de primeira instância; a doutra Boa Hora, à Ajuda; a de Santa Rita, cujo edifício adivinhamos na subida de S. Sebastião da Pedreira. Fora de Lisboa havia as casas de Sobreda, Évora, Estremoz, Portalegre, Santarém, Porto de Moz, Coimbra, Pôrto, Mão da Poderosa, Óbidos, Setúbal, Montemor-o-Novo, Mora, Grândola, Mealhada e Loulé.

«A igreja — escreveu Júlio de Castilho — é duma nave só, mas muito alegre e harmoniosa nas suas proporções, conquanto inteiramente destituída de riquezas artísticas, quer na architectura, quer nas esculturas ou pinturas».

Como V. Ex.^{as} estão vendo, a concessiva de Júlio de Castilho ainda é verdadeira. Não há aqui esculturas ou pinturas que nos despertem grande admiração e Gonzaga Pereira nos diz com a sua ingenuidade simpática que, quanto à bela arte da escultura «não a admiram aqui os inteligentes». Quadros, achou sofríveis os de Santo Agostinho, que já cá não estão. No entanto, a architectura desta igreja que, digo de passagem, acho menos harmoniosa de proporções do que Júlio de Castilho quis dizer-nos, pois me parece demasiado estreita para o seu comprimento e altura, não deixa de nos dar nas suas grandes linhas e superfícies a impressão agradável duma boa construção religiosa, marcada pela solidez, franqueza, boa composição e disposição dos elementos e por uma espiritualidade ingénua, posto que fria, apenas contrastada

pela complicação da capela-mór. Somos, de facto, surpreendidos pela riqueza decorativa, arquitectural, da capela-mór e pela concomitante sobriedade, penúria, da decoração de tóda a restante igreja.

Retábulo de mau gôsto chamaram ao da capela-mór. Não me me parece, a despeito de certo fruste baroco, a que não escapa na sua cuidada opulência. Tem qualidades que compensam. O conjunto é rico, majestoso. É pena que as paredes acima dos cadeirais do côro sejam de escaiola. Êste revestimento é posterior à visita que fez aqui Gonzaga Pereira que na sua obra citada se refere à pobreza das paredes caiadas acima dos cadeirais.

Diz Júlio de Castilho que êste altar tem bonita tribuna de talha, mas não podemos hoje vê-la. As colunas salomónicas, com o seu torcido alargado e enrugado no imoscapo, o que lhes dá certo character estranho, ainda ali estão. Diz-nos ainda que o retábulo não remonta para lá do primeiro quartel do século XVIII. Assim deve ser. A primeira igreja ardeu em 1683, como sabemos. Tudo quanto aqui está deve portanto ser do século XVIII, embora as armas da fundadora que ali estão num dos lados do escudo em pala nos façam supôr a igreja do século XVII.

As imagens da capela-mór são ainda, como V. Ex.^{aa} vêem: ao meio, Nossa Senhora da Conceição, não já de barro, obra de Frei Agostinho dos Anjos, que no incêndio foi levada ao rúbro pelas chamas, e depois não mostrou qualquer estrago do incêndio, como nos conta Frei Francisco de Santo Agostinho, mas outra seguramente mais moderna e de madeira; do lado da Epístola, S. Bartolomeu, orago da freguezia; do do Evangelho, Santo Agostinho, patrono da ordem que teve aqui o seu convento.

A distribuição das imagens pelas capelas é hoje um tanto diferente. Houve seguramente de então para cá certas obras e alterações em tóda a igreja em data e extensão que não posso precisar. Vejamos quanto às imagens. Diz-nos Castilho: Cruzeiro: Do lado da Epístola o altar da Senhora da Soledade. Está hoje a Senhora das Dores, como mais pròpriamente é figurada no nosso tempo pela iconografia cristã. Devo dizer que um e outro dos retábulos do cruzeiro me dão a impressão (ou o palpíte) de que teriam vindo de S. Bento ou de S. Francisco.

Do lado do Evangelho estava, ainda no cruzeiro, o altar da Senhora da Piedade, tendo à direita Santa Tereza de Jesus e à esquerda

Santo António. Hoje vemos nele o Coração de Jesus, devoção mais moderna, Santa Rita e Nossa Senhora da Graça, que já sabemos antiga devoção da freguezia. E' esta Senhora da Graça a imagem de que falei a propósito da velha igreja?

Do mesmo lado, descendo para a porta, tinhamos e temos a capela do Santíssimo Sacramento, já então cerrada com o seu modesto cancelo de hoje, que não chegou a ser dourado. No retábulo havia um quadro a óleo que desapareceu. Mas tem ainda a imagem do Crucificado, que supponho a mesma, e as duas figuras de Santas que Castilho não identificou (se estas eram) e que julgo serem as Marias que acompanharam a Cristo no Calvário.

Depois temos Nossa Senhora das Barraquinhas, esta vinda incontestavelmente de S. Bento ou do Beato, o que Castilho já presumia. Pequena pintura a óleo, cuidadosamente conservada numa maquina de vidraça, é, pois, ela a pintura de Fernão Gomes, restaurada por Vieira Lusitano. Temos ainda nesta capela Nossa Senhora do Despacho e aos lados Santa Terezinha do Menino Jesus e S. Francisco Xavier.

Castilho viu nesta capela dois quadros a óleo, de pouco mérito, um representando a Fuga para o Egipto, outro Nossa Senhora do Patrocinio. Devem ser os que estão na sacristia.

A antiga capela de S. Sebastião é hoje de Nossa Senhora de Fátima. Mas mostra ainda nos azulejos as setas do Mártir de Diocleciano. E está num corredor de acesso ao pátio, à entrada da sacristia, uma tela mal conservada que possivelmente pertenceu a esta capela. Tem uma particularidade notável. Dá-nos a morte do Santo, tal como pode ser lida na *Fabiola* de Wiseman. Os que conhecem o famoso romance sacro vão encontrar dele uma curiosa reminiscência nesta escurecida tela.

Passemos ao lado direito do templo. A primeira capela, subindo para o cruzeiro, é ainda a do Senhor dos Passos. Tem a um canto S. João Evangelista, o Santo patrono dos frades loios do Beato. Parece-me, quando examino esta nua capela, que não teria sido em 1835 apenas esta a desprovida de retábulo. E daí o meu palpite de que alguns destes retábulos teriam vindo das igrejas que o vandalismo aqui destruiu na vizinhança e portanto de S. Bento, de S. Francisco, das Grilas, ou até da ermida do Rosário da Restauração. Mas inclino-me mais para S. Bento.

Temos agora a capela de Nossa Senhora do Carmo que era a do Senhor no Horto. Fala-nos o Mestre dum santo e duma santa que não conheceu. Hoje estão aqui as imagens de S. Joaquim e de Sant'Ana.

Havia depois o Senhor da Cana Verde, com Santa Bárbara e S. Bento. Nas paredes dois quadros grandes e máus. Hoje está aqui o Senhor no Horto com o Anjo que lhe apresenta o cálice de amargura. É um conjunto impressionante. Será esta imagem, volto a perguntar, a antiga que deu ao sítio o nome de Monte Olivete? Notem V. Ex.^{as} que ainda aqui estão os mosaicos florentinos e a inscrição que Castilho não teve tempo de ler. S. Bento e Santa Bárbara devem ser as imagens que estão no côro alto.

Vale a pena olhar para os confessionários abertos nas paredes, tão diversos dos das outras igrejas de Lisboa. E chama-nos a atenção a forma caprichosa da planta do côro alto, ramificada em barocos avançamentos até às paredes laterais da igreja, com a sua varanda de talha que não chegou a ser dourada. Quando V. Ex.^{as} subirem ao côro, encontrarão lá o pequeno cofre que, segundo Castilho, contém os ossos do Beato António, vindos de S. Bento.

Devo dizer que ainda há poucos anos a paróquia ocupava aqui sòmente a igreja e a sacristia. O côro pertencia ao Recolhimento contíguo, que tem a sua entrada pelo largo e uma notável escada que vamos ver. ⁽¹⁾ Castilho nos conta:

«Desferrolhado o pesado portão do adro e passado o vestíbulo, encontrei-me numa esplêndida escada de pedra, uma das mais formosas e alegres que tenho visto. Puro estilo do século XVIII. Azulejos magníficos, enorme altura e teto ricamente estucado. De duas elevadíssimas janelas jorram ondas de luz sôbre todo o ambiente».

⁽¹⁾ O largo ou adro em frente da actual igreja de S. Bartolomeu, teve em frente da quarta janela do recolhimento, partindo da igreja, um cruzeiro, como pode ser visto no desenho de Gonzaga Pereira. Então a escadaria do adro avançava um pouco sôbre o leito da rua.

A visita dos Amigos de Lisboa ao Recolhimento deu a nota agradável da excursão. Foram lidas as descrições encomiásticas de Castilho e de Norberto de Araújo e puderam muitos dos visitantes conhecer pessoalmente a sr.^a D. Maria da Conceição Cisneiros, regente do Recolhimento e ali residente há cinqüenta e um anos, desde os dezasseis da sua idade, segundo nos conta Norberto de Araújo.

Este recolhimento esteve até 1835 na Mouraria, no sítio, onde era a Guia, antigo edifício dos Meninos Órfãos e hoje o duma esquadra de polícia.

Segundo Vilhena Barbosa, foi ali fundado por El-Rei D. Pedro IV para servir de asilo às filhas de magistrados e militares pobres. Mas lá verão V. Ex.^{as} uma lápide que atribui a instituição do colégio no ano de 1549 a El-Rei D. João III e a fundação a El-Rei D. José, em 1753, lápide que veio também dos Meninos Órfãos, como no-lo diz recentemente Norberto de Araújo.

Tudo isto parece um tanto confuso. Tentarei esclarecer, dizendo que o Colégio dos Meninos Órfãos era outra instituição. Fundou-o D. Brites, mulher de D. Afonso III. Foram seus reedificadores D. João III e D. José. E parece ter sido o Colégio em certa data substituído por este Recolhimento, que de qualquer modo anda talvez ligado com o de Nossa Senhora da Encarnação, fundado em Santa Cruz do Castelo, protegido por D. João III desde 1533. Atrevo-me a supô-lo. Teve entre as suas agradecidas educandas a talada senhora D. Maria, que foi rainha de Maldiva e no tempo de D. João IV haveria sido instalado nos Meninos Órfãos, como diz Vilhena Barbosa. Pelo menos, tais me parecem os antecedentes deste Recolhimento de Nossa Senhora do Amparo. Não os garanto.

Segundo Veloso de Andrade, o autor duma *Memória sobre os Chafarizes de Lisboa*, que V. Ex.^{as} conhecem, o Recolhimento veio para aqui em 1845. Actualmente está incorporado na Assistência Pública, com outros que são os do antigo convento da Encarnação, de Santos-o-Novo, de Lázaro Leitão, de Campolide, de S. Cristóvão e das Merceeiras, à Sé.

Devo acrescentar que Veloso de Andrade viu aqui um grande pôço que abastecia de água a vizinhança e duma profundidade tal que um carrete de 132 palmos não lhe tocava o fundo. Não sei se hoje pode ver-se.

O edifício do recolhimento não foi muito elogiado por Gonzaga Pereira no tempo em que ainda era convento dos frades agostinhos. Castilho em 1888 achou-o óptimo e num alinhamento e cuidado verdadeiramente feminino. Tudo ali respirava ordem, sossêgo, bemquerença. Pendiam das paredes alguns painéis que lhe pareceram medíocres. A insti-

tução de hoje não perdeu o cuidado, o alinhamento, a alegria que em 1888 ali encontrou Júlio de Castilho. A capela que ele viu é que já não existe e os ossos do Beato António passaram para o còro da igreja, como sabemos.

A conferência vai longa, mas deixem-me V. Ex.^{as} dizer alguma coisa de dois ou três templos muito ligados a êste pela vizinhança e por certo sincronismo histórico. São êles a ermida do Rosário da Restauração, o convento de Santa Maria de Jesus de Xabregas e Santo Agostinho das Religiosas Agostinhas Descalças.

Da ermida do Rosário da Restauração já sabemos que nada existe. Fui informado pelo nosso ilustre consócio Sr. Sampaio Ribeiro de que se conseguiu localizá-la dentro duma das casas ali dum pátio vizinho à calçada e às escadinhas de D. Gastão, (D. Gastão é o primeiro nome do fundador da ermida que foi D. Gastão Coutinho, um dos conspiradores de 1640).

O *Santuário Mariano* conta-nos a piedosa história desta fundação. A imagem da Senhora veio de Cascais, onde foi encontrada por D. Gastão Coutinho, (o conjurado de 1640) que a mandou a sua mulher, D. Isabel Ferraz, para a colocar no oratório da quinta do Grilo, propriedade então do seu cunhado Francisco Gonçalves da Câmara e Ataíde, ao mesmo tempo que fazia à Senhora do Rosário a promessa de lhe erigir uma ermida, se se saísse bem da patriótica empreza, em que andava empenhado, como sabemos.

Mas D. Gastão esqueceu-se um pouco da sua promessa.

Entretanto, uma moça muito simples, que tinha ao seu serviço, teve a aparição da Virgem que a encarregou de lembrar ao amo tal promessa, o que ela fez, só depois de muito instada, porque receava que não a acreditassem. D. Gastão, ao ouvi-la, ficou surpreendidíssimo com o milagre, pois ninguém sabia do seu voto feito em Cascais. Tratou logo da construção da ermida.

Os alicérces foram abertos por um tremor de terra no local destinado à ermida, conta ainda o *Santuário Mariano*. E duma pedreira, cujo dono, um António de Oliveira e Azevedo, regateára a pedra para a construção, desabou certo dia tóda a pedra necessária e a ermida foi aberta ao culto em 1644.

Tempos mais chegados não viram o milagre da conservação da

capela, sôbre cuja fundação tão prodigiosos sucessos constavam ao bom cronista do *Santuário Mariano*.

Santa Maria de Jesus dos frades franciscanos, cuja igreja lá está ainda com o seu pesadíssimo frontão baroco e com todo o interior dum elegante templo que é hoje uma cerralharia, começou por ser um palácio real, fundado em tempo de Afonso III. Eram ali os Paços de Enxobregas e tinham na vizinhança a fonte da Samaritana, cujos restos, segundo me disse o nosso ilustre consócio, Sr. Dr. Eduardo Neves, estão hoje no jardim do Museu de Arte Antiga.

D. Henrique de Castela, ao levantar o cêrco de Lisboa, com que pretendeu punir o nosso D. Fernando por êste lhe haver disputado a corôa castelhana, incendiou o palácio que ficou em ruínas até 1455.

Aqui nos aparece também D. Afonso V, que então doou o arruinado palácio à condessa de Atouguia, D. Guiomar de Castro, para ali ser fundado um convento de S. Francisco, que depois foi destinado aos frades da província do Algarve. Os primeiros frades vieram da Ilha Terceira e o primeiro prelado chamou-se Frei Pedro de Zarza.

Êste convento, que o terramoto destruiu, era, ao que parece, mais rico de arquitectura, decoração e recheio que o edificado depois. Ficava no mesmo sítio, tinha defronte o forte de Xabregas. Teve no seu recheio umas trinta telas de Thenniennes e uma de Guido Reni. Havia ali quinze dormitórios, livraria e enfermaria. O posterior ao terramoto, a-pesar-de bem construído, como ainda pode ver-se, não se destacava na grandeza de proporções nem na magnificência da ornamentação, escreveram os monógrafos. Tinha porém esculturas, cuja fama lhe atraia devotos da capital e arredores. Uma dessas esculturas era a imagem de Nossa Senhora Mãi dos Homens e outra ou outras o Calvário com tôdas as figuras sagradas e dos soldados e fariseus em tamanho natural.

Quando em 1834 (sempre êste ano...) as ordens religiosas foram extintas, a igreja foi profanada e o convento esteve por muito tempo deshablado. Houve ideia de o aproveitar para penitenciária, para Conservatório de Artes e Offícios, para quartel. Mas acabou por ser concedido à Fábrica de Fiação e Tecidos e depois à Companhia de Tabacos Lisbonense, da qual passou à Companhia dos Tabacos de Portugal e depois à actual Companhia Portuguesa de Tabacos.

A escultura de Nossa Senhora Mãi dos Homens leva-me a lembrar

novamente a curiosa figura de Frei João de Nossa Senhora, prègador popular do século XVIII, que percorria as ruas com a sua imagemzinha de Nossa Senhora e nelas prègava ao povo a devoção à Virgem como remédio contra todos os males. Disseram que chegou a predizer o terramoto de 1755. O conde de Sabugosa porém, nos seus *Embrechados*, opina que tal profecia não passou duns vulgarizados versos do bom frade que teve verdadeiros admiradores :

No Rossio se faz festa,
na Vitória prègação.
Pouca gente assiste nesta,
mas naquela multidão . . .

Tanto rir, tanto folgar,
pode parar em tristeza . . .

Quanto ao Calvário, conservou-se ali até há poucos anos. Um dia essas figuras que há menos dum século o povo de Lisboa gostava de visitar pela Semana Santa, foram encaixotadas e mandadas para Tomar. O director da Fábrica de Xabregas, Ex.^{mo} Sr. Mário da Silva Alves, quis então guardar dêsse Calvário uma recordação e tirou dele umas fotografias que guarda no seu gabinete. É de desejar que o nosso Boletim possa reproduzi-las um dia, para que não se perca de todo essa última lembrança do famoso Calvário. (1)

A devoção de Nossa Senhora Mãi dos Homens está hoje em Santo Estêvão. E uma imagem da Senhora das Dores que houve em S. Francisco vê-se em S. Miguel de Alfama.

Devo lembrar que saiu de S. Francisco de Xabregas a fundação da linda igreja do Menino Deus, ao Castelo, que Lisboa esteve em risco de perder há bem poucos anos.

Falta dizer alguma coisa do convento das chamadas Grilas, isto é, de religiosas agostinhas descalças, obra também da rainha D. Luiza de Guzman, por instigação de Frei Manuel da Conceição. Foi fundado em 1660. A rainha veiu ali residir em 1662, depois que entregou ao filho,

(1) O actual pároco da freguezia de S. Bartolomeu, Rev.^{mo} Joaquim Emiliano Silva, ainda tentou conseguir para a sua igreja as figuras dêste famoso Calvário.

D. Afonso VI, e ao conde de Castelo Melhor, a governança do reino e ali morreu em 1666. Mas o convento só muito mais tarde se acabou. Em 1717, se não estou em êrro.

D. Luiza de Guzman recomendou no seu testamento querer repou-sar ali até ao juizo final... Em 1889 porém, o govêrno resolveu instalar no convento a Manutenção Militar. Os técnicos acharam o edificio de construção sólida e em estado de conservação regular. As primeiras obras demoliram as alas laterais e a igreja. O terreno da cêrca, com a qual comunicava o convento por um passadiço que ainda pode ver-se no citado livro de Gonzaga Pereira, foi rebaixado ao nível da rua. Esta alargou-se. Desapareceu um chafariz e em 1896 levou-se a cabo a obra que actualmente ali vemos quási defronte de nós. Desta vez foi a des-truição mais radical, parece. Tirou-se ao extinto convento tudo o que pudesse recordá-lo. Antes assim, chego a dizê-lo num desabafo. Ali os destroços duma profanação não nos ofendem.

Renato Baptista no seu estudo sôbre a Manutenção Militar, datado de 1899, diz-nos que o convento era um edificio de grandes dimensões e disposto em três alas, formando um cláustro aproximadamente qua-drado, cujo lado sul era limitado pelo Tejo. As águas do rio banhavam também em parte as alas laterais do lado exterior, por isso que o terreno do cláustro ficava mais alto. Junto do convento e do lado do poente ficava a igreja, cujo côro tinha janelas sôbre a Rua Direita. A pequena distância ficava a portaria e o resto da fachada era preenchido por uma série de frestas quadradas correspondentes aos armazéns abobadados do pavimento térreo e pelas pequenas janelas guarnecidas de rótulos que davam luz às celas dos dois andares.

Disto se depreende que o valor artístico da igreja e do convento, a-pesar-dos quadros que, parece, ali houve de André Gonçalves e de Bento Coelho da Silveira, (1) não era grande. Mas histórico tinha-o. Uma notável rainha ali morrera, tão desiludida de grandezas, quanto lhes fôra sensível em certa hora, em que preferira «morrer reinando a viver ser-vindo».

(1) Há no Museu de Arte Antiga um turbulo e uma naveta de prata do recheio dêste convento.

Sabemos como ela quis ali o repouso do seu corpo até ao juizo final. Não lho deixaram.

Em 5 de Janeiro de 1889 mudaram-lhe o corpo para S. Vicente. Não sei o que fizeram ao túmulo de pedra lavrada que lhe guardava o caixão. O *Didrio de Noticias* de 6 de Janeiro dêsse ano assim noticiava :

«Coisa nenhuma neste mundo está segura e é imutável nem até nas monarquias os ossos dos reis estão livres de andar aos trambulhões. Mal pensava a rainha que ao fim de 176 anos teria de ser a sua última morada menosprezada pelos seus descendentes e por um caso de fôrça maior trasladados os ossos para outro jazigo ; e o que é mais depois de ter sido violado o caixão que continha a ossada e despojada das últimas joias que a adornavam. (1)

«A trasladação fez-se, formando o préstito quatro coches da casa real, fechando por um esquadrão de cavalaria 4. O duque de Albuquerque, num dos coches, levava a chave do caixão. Em S. Vicente era aguardado pelo Senhor Cardial Patriarca, Cabido e fôrças de infantaria que deram três descargas, quando o caixão foi depositado.»

Repousa desde então a grande Rainha no refeitório de S. Vicente de Fora, (transformado em 1855 em Panteon Real), ao lado do seu «Rei e Senhor», como lhe chamou no seu testamento.

A sua sombra porém, parece-me pairar ainda por êste sítio que, se Lisboa houvera sabido crescer e remoçar-se logicamente, conservando de cado século o que cada século lhe deixou em alargamento ou rejuvenescimento, seria hoje quási o nosso Bairro da Restauração. Basta lembrar: Estão aqui os dois conventos de religiosos e religiosas de

(1) A visita dos «Amigos de Lisboa» a êstes sítios de tanta demolição e profanação, como as que vimos, devem convencê-los de quanto é necessário a sua cruzada de propaganda dum amor dos lisboetas pelos seus monumentos, ajudando-se assim a criar um ambiente, uma opinião que não deixe continuarem tais vandalismos. E' isto culto de velharias inuteis? Entretenimento mórbido de passadistas rabugentos, com as costas voltadas ao presentes, os olhos fechados ao futuro ?

Nada disso. E' culto do espfrito, do mais elevado e do que êle tem de eterno, sem balizas para trás ou para a frente ; processo eficaz duma cultura integral do homem e do português civilizado, solidário com o passado que o segura, na hora do presente em que trabalha, na preparação do futuro, a que aspira.

D. Luiza de Guzman, houve aqui uma ermida do Rosário da Restauração, obra dum dos conjurados de 1640, está perto um palácio dos marquezes de Olhão, onde morava outro conjurado e ao qual se liga a tradição de haver servido de ponto de reunião da conjura.

É tempo de terminar a prelecção que tem sido afinal uma espécie de Miscelânea de tempos, de lugares e de coisas, à maneira de capítulo daquela de Miguel Leitão de Andrada, a quem Júlio de Castilho muito admirava, a despeito dele haver seguido, no seu confuso tempo que o nosso teima em não aclarar, o partido de D. Filipe de Castela contra o do Prior do Crato, a cuja casa pertencia. Juntarei também agora à minha prosa os alinhados versos dum antigo soneto. Dediquei-o precisamente a D. Luiza de Guzman e não profana o lugar de oração, onde nos encontramos, porque procura ser uma voz patriótica. Patriotismo são, que é apenas amor e que neste dia da semana dedicada às Mães, se casa com o amor materno. A êsse amor materno também obedeceu D. Luiza, quando sonhou uma corôa real para um filho. Amor da Pátria e amor materno portanto que neste lugar sagrado podem ser prêgados e ouvidos sem irreverência, como reflexos humanos do amor que de Deus vem e que a Deus se deve.

Direi pois :

«Viver servindo, não... Morrer reinando...»

Tal da Duqueza a máxima sublime
que o tempo guarda, a tradição lhe imprime,
de hora soberba um gesto consagrando.

Feliz vaidade, orgulho que foi crime
aos olhos de outrem, seu parente, quando
Castela soube do perdido mando
num Portugal que novo sol redime...

— Porque eras Mãi — Rainha te orgulhavas
de Mãi de Reis da nova dinastia,
na sorte irmã da Pátria que escolheste...

E o crime audaz na terra que apagavas
a negro traço em tua gerarquia
fez tua e nossa a terra em que morreste...

Velhas casas de Lisboa

POR FREDERICO GAVAZZO PERRY VIDAL

I

A casa em que nasceu o Beato João de Brito

(Continuado do n.º 14, págs. 59)

OS documentos que formam actualmente o tomo do prédio em questão foram-me amavelmente emprestados pelo marido e primo da actual proprietária, o Ex.^{mo} Sr. Luiz Barreiros Lopes, a quem uma vez mais agradeço aqui a forma cativante como me permitiu usasse deles.

Vê-se que parte desses documentos pertenceram a um tomo maior, que seria talvez o formado por todos os respeitantes aos vários bens do chamado *Morgadio do Rego*, cuja cabeça era a Quinta da Calvana, no Lumiar, então subúrbios de Lisboa, e ao qual pertencia este imóvel, situado ao Postigo de Santo André.

Colocados pela ordem que melhor me pareceu vou começar pelo exame dos primeiros desses documentos, aumentando-os com os dados do meu conhecimento quando o entender necessário.

1.ª SÉRIE DE DOCUMENTOS

Têm por título:

«1643. Certidão de aforamento das Casas ao postigo de Santo André feito por P.º do Rego Pereira no ano de 1610 a André Lopes Franco e da renovação do mesmo aforamento em 1643 por Jorge do Rego ao D.ºr Duarte Alves de Abreu em nome de sua mulher D. Maria Machado que fôra veuva de Bento de Baena Sanches.»

Resumo destes documentos :

A 9 de Fevereiro de 1699 o Escrivão dos Agravos e Apelações da Côrte, Domingos Luiz de Oliveira, passa uma certidão de algumas peças contidas nuns Autos findos, existentes no seu cartório, em que foram partes :

*D. Mariana de Abreu Rego, contra
Francisco de Baena Sanches e sua mulher,*
a pedido e por parte de Pedro Vaz Soares e por lhe ser mandada passar em audiência.

As peças trasladadas são :

A) *Escritura de fls. 21* : lavrada em 30 de Setembro de 1603, nas notas do tabelião de Lisboa, Bartolomeu Gomes Pinheiro,
e

Contracto de desistência e trespassação de direito e aforamento novo em três vidas, realizado em casa de Fernão Pereira de Noronha, fidalgo da Casa Real, casado com D. Joana de Andrade, moradores na sua Quinta da Cotovia, freguesia de S. José, extra-muros da cidade de Lisboa.

Outorgantes :

1.º) : *Fernão Pereira de Noronha* e sua mulher *D. Joana de Andrade*, acima.

2.º) : *Pedro do Rego Pereira*, fidalgo da Casa Real, morador na sua Quinta da Calvana, freguesia do Lumiar, casado com *D. Mariana Pereira*.

3.º) : *André Lopes Franco*, mercador de madeiras, morador ao Cais da Madeira.

O Morgadio do Rego, de que era naquele tempo administrador o referido Pedro do Rego Pereira, foi instituído pelo *D.ºr João do Rego*, seu bisavô.

Belchior de Andrade Leitão, in: «*Famílias de Portugal*», Tomo 17, (Bibl. da Ajuda, 49-XII-42), a págs. 357 e seg^{tes} diz : «*Gonsaleanes do Rego* foi o tronco desta Geração [Regos Barros, ramo segundo dos Regos de Viana], como o provou seu neto, Jorge do Rego Lobo, em um braço que se lhe passou de armas dos Regos e Lobos no ano de 1513.

Teve filho ao *D.ºr João do Rego*, n.º 2.

N.º 2. O D.ºr João do Rego, filho deste Gonsaleanes do Rego, foi Lente de Prima de Medicina, estando ainda a Universidade em Lisboa, aonde instituiu no ano de 1504 com sua mulher morgado de todos seus bens, com obrigação de 24 missas em S. Jorge, do qual morgado he cabeça a quinta da Calvana, freguesia do Lumiar. Casou com Catharina Mendes Lobo, filha de . . . e de sua mulher Maria Gomes Lobo, de quem teve filho: Jorge do Rego Lobo, n.º 3. Consta do 5.º Livro dos Misticos, fls. 115.

N.º 3. Jorge do Rego Lobo, filho 1.º [e único?] deste João do Rego, foi o primeiro administrador do dito morgado. Casou com D. Genebra Pereira, filha de Rui Pereira de Berredo, Senhor de Fermedo, em tit. de Pereiras. De quem teve filho João do Rego Pereira, n.º 4.

N.º 4. João do Rego Pereira, 2.º Administrador, filho dêste Jorge do Rego Lobo (ou Jorge Pereira). Cazou [a 1.ª vez] com D. Maria Cam, filha de Garcia Fernandez de La Plaçuela e de Briolanja Cam, em tit. de Plaçuelas e Cam, de que teve filhos:

1. Pedro do Rego Pereira, n.º 5.
2. D. Madalena Pereira, mulher de Pedro Teixeira Pinto, e depois freira em Guimarães.
3. D. Francisca Pereira, mulher de Gregorio Pinheiro, filho de Alvaro Pinheiro, irmão do Bispo D. Antonio Pinheiro, em tit. de Pinheiros.
4. D. Briolanja Pereira, freira em Santos.

N.º 5. Pedro do Rego Pereira, 3.º Administrador, filho 1.º dêste João do Rego. Casou 1.ª vez com D. Joana de Aragão, filha de Alvaro Fernandes Pinheiro, de que teve filhos:

1. Jorge do Rego Pereira, n.º 6.
2. Pedro do Rego Pereira.
3. Feliciano do Rego Pereira, com filhos na India.
4. D. Maria Pereira, que casou em Estremoz com Gaspar da Fonseca e por sua morte com Paulo de Carvalhal.

Casou 2.ª vez com D. Mariana Pereira, filha de Diogo de Loronha de Andrade e de D. Aldonça de Mendonça, em tit. de Loronhas.

LIVRARIA PORTUGAL

70, R. do Carmo Lisboa

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Sempre as melhores novidades de **MEDICINA, Obras Literárias, Arte, História, Direito, Economia,** tanto nacionais como estrangeiras

Serviço de encomendas para todos os países da Europa e América

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS
SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

DIRIJAM OS SEUS PEDIDOS À

PORTUGAL

70, Rua do Carmo — LISBOA
TELEFONE 2 0582

AOS NOIVOS

Serviços 1/2 cristal com 77 peças para 12 pessoas — Esc. **320\$00!!!**

Para a Província embalagem grátis

VIDRARIA CONFIANÇA

RUA DA VICTÓRIA, 33 A 37

Telefone 24885 LISBOA

CASA DOS PANOS

A 1.ª CASA DA ESPECIALIDADE



SORTIMENTO COMPLETO EM PANOS BRANCOS E DE COR E EM LINHOS DE TODAS AS LARGURAS

ESQUINA DA RUA DE S. JULIÃO
45, RUA DOS FANQUEIROS, 49

Companhia Nacional de Navegação

a mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África

SEDE

RUA DO COMÉRCIO, 85
LISBOA

SUCURSAL

R. INFANTE D. HENRIQUE, 73
PORTO

No primeiro sábado de cada mês, serviço rápido de carga e passageiros para a África Ocidental, e no quarto sábado, serviço rápido de carga e passageiros, com escala nos principais portos da África Ocidental para a África Oriental

FROTA DA C. N. N.

S. Tomé n.m.	9.100 Ton.	Cabo Verde	6.200 Ton.
Niassa	9.000	Luabo	1.385
Angola	8.300	Chinde	1.383
Cubango	8.300	Inharrime	1.000
Quanza	6.500	Ambriz	858
Lourenço Marques	6.400	Save	763

agências em todos os portos africanos e nos principais portos do mundo

AMIGOS DE LISBOA

Edições do Grupo, limitadas e algumas quasi esgotadas

Preço de venda para os sócios Preço de venda para o público

Noite de Evocação do Café Martinho (*esgotado*)
Noite de Evocação do Leão de Ouro 5\$00 7\$50

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia de S. Vicente.
Edição vulgar 5\$00 6\$00
Edição especial 12\$00 20\$00

Urbanização de Lisboa 2\$00 3\$00

LUIZ MOITA

Ermida de Santo Amaro 6\$00 7\$00

EDUARDO NEVES

Ruínas do Carmo 2\$00 3\$00
Igreja da Penha de França (*esgotado*)
A Faculdade de Medicina 4\$00 5\$00

MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Igreja da Conceição Velha 2\$00 3\$00
A Igreja e o Convento da Graça 5\$00 7\$50

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA (SIDÓNIO MIGUEL)

A Igreja e o sítio de Santo Estêvão 4\$00 5\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha 8\$00 10\$00
O Campo de Santa Clara 4\$00 5\$00

LUIZ CHAVES

Lisboa no Folclore 4\$00 5\$00

RUY DE ANDRADE

Alfredo de Andrade e alguns problemas de *edilicia* citadina 4\$00 5\$00

Olisipo. De 1 a 15. Cada número 5\$00 7\$50

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett 4\$00 5\$00

ALFREDO DA CUNHA

«Olisipo» Berço do Periodismo Português 4\$00 5\$00

Edições consignadas

Preço de venda para os sócios Preço de venda para o público

LUIZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina 6\$00 7\$50
A Rua das Canastras 6\$50 8\$00
Crítica, Correções e Aditamentos, à obra «Lisboa do meu tempo e do passado — do Rossio à Rotunda», do Sr. João Paulo Freire (Mário) 4\$00 6\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da freguesia da Sé. 6\$50 7\$50
Tempos que Passaram 10\$80 12\$00

MARIO DE SAMPAYO RIBEIRO

A Calçada da Ajuda.
Edição vulgar 6\$50 7\$50
Edição especial 13\$50 15\$00

NORBERTO DE ARAÚJO

Peregrinações em Lisboa, n.ºs 1 a 15, cada 7\$00 8\$00

JOSÉ PERRY DE SOUSA GOMES

Lisboa — da sua vida e da sua beleza 3\$60 4\$00

J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos 4\$00 5\$00

FRANCISCO CANCIO

Aspectos de Lisboa no século XIX. 108\$00 120\$00
Lisboa de outros Séculos — à Sombra dos Paços Reais. 54\$00 60\$00
Lisboa de outro século «Cem anos de Pitoresco» 63\$00 70\$00

ALBERTO MEYRELLES

Lisboa Ocidental 8\$00 10\$00

CONDE DE ALMADA

Relação dos Feitos de D. Antão de Almada.
Edição vulgar 10\$80 12\$00
Edição especial 18\$00 20\$00

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge da cidade de Lisboa 7\$50 8\$50

ARQUITECTO PAULINO MONTEZ

A Estética de Lisboa 18\$00 20\$00
Lisboa-Alcântara / Alvito 13\$50 15\$00

CORONEL MIGUEL GARCIA

Pátria e Independência 3\$00 3\$50
Fundação da Nacionalidade 3\$60 4\$00

JOÃO PINTO DE CARVALHO (TINOP)

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols., cada 7\$00 8\$50

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA (Sidónio Miguel)

Bagatelas do tempo vário 8\$00 10\$00

É todas as edições culturais da Câmara Municipal de Lisboa

De quem teve filhos :

5. Valentim Pereira.

6. D. Maria e D. Ana que morreram sem estado.

7. D. Genebra Pereira, que sucedeu no dito morgado e foi 5.^a administradora dele. Casou com Salvador Pereira, filho de André Velho de Azevedo, que serviu de Tesoureiro do Consulado em Lisboa, S. G. e morrendo ela o nomeou no dito morgado que possuía (e de que foi 6.^o Administrador), posto que se lhe pôs demanda que havia vagado para a Coroa; por se acabar a descendência do instituidor, teve sentença por si, mostrando que conforme a instituição podia ser nomeada qualquer pessoa que tivesse algum parentesco com os instituidores, e que ele o tinha com sua mulher posto que não fosse em grau conhecido.

N.^o 6. *Jorge do Rego Pereira*, filho 1 deste Pedro do Rego, foi 4.^o senhor do dito morgado e homem perdulário, andou em Mazagão, e casou com hua Irmã de João Pereira, fundidor da Artilharia, chamada Barbara de . . . [Pereira], sem filhos, pelo que Sucedeo no dito morgado sua Irmã D. Genebra, como fica dito.»

Compunha-se o morgado, entre outros bens e propriedades, naquele tempo, de :

1.^o) : *Pardieiros, casinha de taipa muito venhos*, em Lisboa, ao postigo de Santo André, junto ao muro da cidade da banda de dentro, que partem dum lado com o dito muro e da outra com casas das merceiras de Santo André, repartidas em tres moradinhas com seu quintal,

2.^o) : *Moradilha de casas no Adro da Igreja de Santo André*, que partem duma banda com casas das ditas merceiras e da outra com casas que foram de João Dias, carpinteiro, com quintal por detraz, que parte com o muro e outras confrontações.

3.^o) : *Casinhas que foram do dito João Dias, carpinteiro*, de que se lhe pagou 50 reis de foro.

Por estarem muito velhas e o seu administrador as não poder

reedificar consertou Pedro do Rego Pereira com os primeiros outorgantes aforar-lhas em três vidas, foro de 5#000 Reis anual e laudémio de quarentena.

Para tanto, porque pela instituição do morgado não era dada permissão para aforamento em mais de uma vida e assim não achasse quem nos referidos prédios fizesse bemfeitorias, e Fernão Pereira de Noronha lhas promettesse fazer, o que redundava em proveito do dito morgadio, requereu Alvará a El-Rei para a reforma da instituição do Morgado neste sentido, o que foi consentido e adiante vai indicado.

Porém, conseguido isto pelo segundo outorgante, sucedeu não terem os primeiros na ocasião dinheiro disponível para o negócio que haviam prometido e assim deram pessoa por si, o terceiro outorgante, André Lopes Franco, idóneo, capaz e que aceitava o estipulado, ficando pois êste dono das ditas casas em três vidas, obrigando-se a fazer ás ditas casas as bemfeitorias prescritas, com as demais obrigações, devendo edificar casas de pedra e cal no espaço de três anos.

Documentos apensos a êste contracto :

1.º): *Termo de conhecimento deste contracto e sua aceitação por D. Mariana Pereira*, [2.ª] mulher do segundo outorgante, em 1 de Outubro de 1603, na Quinta da Calvana.

2.º): *Alvará reformando a instituição do Morgado*, concedendo o aforamento dos pardieiros em três vidas.

Consta de: a) Petição de Pedro do Rego Pereira e sua mulher.

b) Informação do Provedor das Capelas da Cidade de Lisboa, Jorge de Cabedo Amal, de 21 de Junho de 1602.

c) Alvará régio, de 22 de Julho do mesmo ano concedendo o pedido.

3.º): *Petição para tomar posse André Lopes Franco*, em que êste requere se mande fazer o respectivo auto, notificação dos moradores para despejo e aos foreiros para apresentarem quitação de pensões.

Consta do *Auto de Posse*, de 13 de Dezembro de 1603:

a): Moradores citados, das casas junto á porta de Santo André, todas elas sobradadas, com altos e baixos e seus quintais por detraz:

Gaspar Nunes, sapateiro,
João de Sequeira, feitor do Duque,
Marcos Francisco, taberneiro.

b): Moradores nas casas do Adro da Igreja de Santo André, muito velhas, com seus altos e baixos:

Gaspar Rodrigues, marinheiro da carreira da Índia,
João Dias,
António Tavares.

Inês Afonso, mulher do referido Gaspar Nunes, sapateiro, disse estar seu marido de posse das ditas casas por escritura de aforamento, que delas lhe tinha feito Pedro do Rego, cujo documento mostrou (mas que infelizmente não foi trasladado). Neste auto figurou, como procurador de André Lopes Franco, João de Brito, que procedeu a todas as cerimónias da posse em nome daquele, assinando o auto.

Está este auto no processo em pública forma, passada pelo tabelião de Lisboa, Guilherme Correa de Almeida, tendo a data de 6 de Maio de 1653.

B) *Escritura de fls. 95*: lavrada em 25 de Agosto de 1643, nas notas do tabelião João Travassos de Abreu, de Lisboa.

Contracto de renovação de empraçamento em 3 vidas, realizado nas casas do Marechal, na cidade de Lisboa, por detraz da Igreja de S. Jorge, onde vive o D.^{or} Duarte Alves de Abreu.

Outorgantes:

1.^o): *D.^{or} Duarte Alves Abreu*,

2.^o): *Jorge do Rego Pereira* e sua mulher *D. Barbara Pereira*, moradores em Lisboa, a Nossa Senhora do Paraíso, em casa de João Pereira, ⁽¹⁾ seu cunhado e irmão.

Manuel Franco, que foi morador em Lisboa, filho de André Lopes Franco, fôra a segunda vida do aforamento das casas do

(1) E' o fundidor da Artilharia, indicado acima por Belchior de Andrade Leitão.

Postigo de Santo André, e por ser devedor por sentença ao Desembargador Bento de Baena Sanches da quantia de 460\$000, porque fôra executado, nomeou aqueles bens à penhora, em 1635.

Estando a execução suspensa, se habilitou o Doutor Alves de Abreu, casado com D. Maria Machado, viuva do Desembargador referido, Bento de Baena Sanches, e, em nome da dita sua mulher, que ficara na posse e cabeça de casal, pertencendo-lhe cobrar as dívidas da meação.

Postas as casas em praça, não havendo comprador, pediu o D.^o Duarte Alves de Abreu licença ao juiz da Execução, Corregedor Luiz Carneiro, para lançar nelas, arrematando-as. Jorge do Rego Pereira apresentou ao mesmo Juiz uma petição em que dizia serem foreiras em vida ao Morgado aquelas casas, de que êle era administrador, por morte de Pedro do Rego Pereira, seu pai, juntando uma certidão (passada pelo Escrivão dos Agravos da Côrte Domingos Dias do Couto) em que constava ter André Lopes Franco nomeado segunda vida em seu filho, o dito Manuel Franco, a quem essas casas ficaram na partilha feita com D. Isabel de Seabra, mulher que fôra do referido André Lopes Franco. Nessa petição, Jorge do Rego pede seja notificado quem fique com as casas de que elas são oneradas.

O D.^o Duarte Alves de Abreu fez depositar o excedente, depois de paga a dívida, na mão de Jerónimo do Vadre, para Jorge do Rego Pereira se pagar dos foros atrasados, conforme tudo constava dos autos. Pagou, além disso, a siza, tirou carta de arrematação, tomou posse das casas, já então muito danificadas (apesar do que lhes fizera certo D.^o Gonçalo de Sousa), querendo agora fazer-lhe muitas bemfeitorias. Assim, convieram reconhecer Jorge do Rego Pereira ao D.^o Duarte Alves de Abreu como primeira vida, do praso de três, gastando logo êste o que fôsse necessário para a recomposição, renovando-se assim o emprazamento, com a mesma pensão e sujeitando-se o enfiteuta às demais obrigações.

Apenso a êste contracto :

Termo de conhecimento do dito contracto e sua aceitação por D. Bárbara Pereira, mulher de Jorge do Rego Pereira, 2.º outorgante, em 26 de Agosto de 1643, na casa a Nossa Senhora do Paraíso, em que foram testemunhas dois filhos de João Pereira, o dono da casa, João Barreto Pereira e Francisco Barreto.

Estas duas escrituras: A) e B), de fls. 21 e 96, respectivamente, estavam juntas ao processo em pública-forma, passada pelo tabelião Miguel Tavares de Moraes, desta cidade, instrumento que lhe fôra apresentado por Manuel de Oliveira Prati, que o recebeu, a 16 de Janeiro de 1683. Consertado por Manuel Machado.

(Continua)

Os petiscos de Lisboa e o Carnaval

CONFERÊNCIA REALIZADA NA SEDE DO GRUPO *AMIGOS DE LISBOA*,
EM 20 DE FEVEREIRO DE 1941,

POR EDUARDO FERNANDES (ESCLÁPIO)

ESTAMOS perto do Carnaval, minhas senhoras e meus senhores, e não é de estranhar, portanto, que, a-pesar-da pastoral dos excellentísimos e reverendísimos bispos condenar os divertimentos pagãos desta quadra, o grupo dos *Amigos de Lisboa* se lembrasse de incluir no ciclo das suas conferências — arremêdo simplista das tão debatidas conferências do Casino, agora de novo em discussão por doutos oradores — uma palestra um tanto de Entrudo, que divertisse, em vez de levar o auditório para o campo da pré-história e da arqueologia, ministrando-lhe sábios conhecimentos ácêrca dos antecedentes sérios e dignos de estudo da tão decantada terra de Ulysses, a cidade de mármore e de granito, na divina expressão de um glorioso escritor.

Palestra um tanto de Entrudo, digo eu, não porque lhes vá descrever o que foi o Carnaval dos meus tempos de infante, tantas vezes já descrito, mas porque, tendo-me sido entregue o cometimento, na minha qualidade de antigo e popular gazetilheiro, *alfacinha da gema* — nasci na Bica — e frequentador assíduo, desde rapaz, dos recantos e recintos onde se gosava a vida e consolava o estômago, eu me proponho distraí-los um pouco com a descrição e apreciação do que eram os ágapes do povo em tempos idos e referir-lhes quanto a cidade do Tejo, com os seus originaes petisquinhos, comidas e bebidas, concorreu sempre para

o estímulo dos vários sucos que protegem e auxiliam as boas e reconfortantes digestões.

Não é pròpriamente, pois, um assunto carnavalesco, mas é um assunto com o seu quê de humorístico e está, portanto, bem e tem *cabidela* — passe o termo popular e o petisco — na pessoa que o tomou por tema e na quadra que estamos atravessando.

O facto de se tratar de um *alfacinha*, ou seja, de um filhote de Lisboa, e o de ser esta a terra do mármore e do *granito*, vêm a propósito. Nada melhor para reconfortar a tripa do que a alface repolhuda, verde e encaracolada, cuja excelência deu curso ao apodo porque são conhecidos os oriundos desta cidade, e nada mais aconchegador do que um calicesinho de *granito*, após uma copiosa e pantagruélica ceia.

Podia eu aqui, repito, descrever-lhes o Carnaval de há 50 anos, começando pelas origens romanas da celebrada festa, enveredando pela descrição dos cortejos do *Club dos Salsas*, pelas pelejas no Chiado do *Turf Club* e do *Tauromáquico*, pela descrição dos *assaltos* e dos *sal-sifrés familiares* de então, os *bailes públicos* de S. Carlos, do Trindade, de D. Maria e do Coliseu; pelos velhos tipos do *ché-ché* ou *velho de Entrudo*, o *galego*, o *fralda de camisa*, o *dominó*, a *pastorinha*, a *velha de capote*; pela animação das antigas batalhas de flores e os grandes cortejos no *corso* da Avenida; pela história das *danças da luta* da Bica, da Mouraria e de Alfama, os batalhões populares de vários bairros que tinham vassouras por espingardas e traziam, na retaguarda, o carro das munições e o da cosinha, tão característicos; enumerar-lhes os populares prègadores como o endemoninhado *Zé Augusto*, que morreu sem se saber como na Rua de Santa Bárbara, e o engraçado *Rei da Madureza*, que morreu do mesmo modo em um vão de escada; citar-lhes as *cégadas*, os *grupos musicais* e as *danças dos padeiros* e das *varinas*, as máscaras célebres, a *Saloia dos Carnavais* e muitas outras coisas, porque havia pano para mangas.

Não tive, porém, tempo para coligir os meus apontamentos e os meus conhecimentos do assunto, pelo que já pedi desculpa à direcção do nosso grupo e a peço agora a Vocelências. Prefiro apresentar-lhes a ementa do meu desataviado discurso, deixando o Carnaval para outros mais eruditos e estudiosos, intitulado-o *Os Petisquinhos de Lisboa*. Faço-o como o antigo galego, serviçal das casas de pasto, que, nos

tempos de outrora, em vez de nos dar a lista das comidas e bebidas, como o faz actualmente, se perfilava ante o freguês e começava:

— Tem *bomecê*, muito belamente, cabeça de *porco*, orelha e chispe, carne de *báca* p'rá grelha, *canôas*...

E era um nunca acabar de petisqueiras que o galego enunciava com a presteza com que nós resamos um Padre Nosso, terminando, sempre, a concluir a prelenga, com o consagrado: *e tem-me a mim e ao mestre*, como quem diz que estavam às nossas ordens êle e o mestre cosinheiro que confeccionava os piteus.

Começarei pelas *iscas*, as *saborosas iscas com elas e semelas*. *Semelas* porque, em certa tasca, o leteiro que as anunciava, juntára as palavras *sem* e *elas* numa só.

Custavam um vintem *sem elas*, e trinta réis *com elas*, ou seja com batatas cosidas e cortadas às rodas, que lhes davam um sabor particular. O vinho das *iscas* era especial e com um *bouquet sui generis*, como era especial a conserva que vendiam para acompanhar o petisco, feita de pimentos partidos em bocados e tiras de cenoura, tudo de infusão num vinagre forte, a que se juntava, ao ser servida, num pratinho muito pequeno, igual áquele onde se serviam as *iscas*, um ligeiro fio de azeite e um golpe de vinagre expellido por uma garrafa cuja rôlha fôra recortada à laia de regador.

O galego, que confeccionava o figado de vaca de que se faziam as *iscas*, armado de uma faca enorme e espalmada como as que os judeus empregam para imolar as rezes no Matadouro, sabia cortá-lo em folhas de uma espessura transparente, com grande perícia e habilidade, espalmado a mão esquerda sôbre o figado sanguinolento e abrindo-o finalmente com o facalhão.

As *iscas* transitavam dêste para um alguidarão onde tinham previamente feito um escabeche, ou salmoura de vinagre, raspas de baço, alho, loiro, sal, pimenta e outros ingredientes e tempêros, ficando ali a aboborar largo tempo, tapado o alguidar com uma tampa de madeira e movido o seu conteúdo, de quando em quando, com um enorme e comprido garfo de ferro, que servia para arremessar depois as *iscas* à frigideira sôbre a banha de porco que fervia.

A banha tinha-a o galego perto, em grandes boiões de barro, donde a extraia com uma monstruosa colher de pau, às vezes até só

com os dedos, e a frigideira só lá de tempos a tempos se lavava, acumulando os resíduos das *iscas* de muitos meses, que vinham dar o seu particular sabor às *iscas* que começavam a ferver e eram, depois de passadas no riquíssimo e apetitoso molho, estiradas com o citado garfo no pratinho, depois de reduzidas na frigideira, com o mesmo garfo, a exíguas dimensões.

As batatas estavam cortadas à parte, no tacho onde haviam sido cozidas, e eram espalhadas à mão sobre o pratinho.

— Mais uma com elas! *Bae* um de conserva! — gritava o criado, em meio dos fregueses, em mangas de camisa, grandes sapatorros, sem gravata e com um barretinho de côres enfiado no alto da cabeça.

— *Bae! Bae!* — respondia o cosinheiro, retirando *iscas* do alguardar para as levar à frigideira.

Mas como sabiam e eram agradáveis ao paladar aquelas palmetas de fígado, a-pesar-da pouca higiene da casa, da falta de asseio dos galegos e da ausência de comodidades!

Ninguém as comia em família com mais gosto, e só os galegos lhes davam aquele precioso tique saboroso que apenas tinha como rival o cheiro particular do petisco, o qual atulhava as ventas do freguês e o atraía ao antro, lá de longe, visto que as visinhanças da tasca se impregnavam do mágico odor a que ninguém resistia.

A *casa das iscas* era manhosa e acanhada, com os seus bancos corridos e mesas de madeira, às vezes sem toalha, e os garfos pendiam, em algumas delas, de correntes que os ligavam às mesas, não fôsem os fregueses safar-se com êles após o repasto.

O cosinheiro tinha quasi sempre o seu fogão cêrca da porta da rua, áquem da qual o rapasio, armado com anzóes pendentes de bengalas e paus, *pescava* muitas vezes a sua *isca* com grande desespero dos *chuços*, empregados do estabelecimento.

A primeira *casa de iscas* que eu conheci em Lisboa era ao Salitre, entre o velho circo do Price e o vetusto teatro das Variedades, muito freqüentada à noite pelos espectadores das duas casas de espectáculo. O criado de mesa era um corcunda muito popular na cidade, não havendo ninguém que não conhecesse o *Marreco das iscas*, pois que, nesse tempo, *ir às iscas* ou *ir comer uma isca*, um pratinho de conserva, um quarto de pão e dois decilitros, à espelunca, era coisa vulgar,

custando todo aquele succulento banquete a módica quantia de 70 réis.

Seguiram-se em notoriedade as *iscas do Arsenal*, ou do *Cotovêlo*, instaladas na loja que torneja da rua daquele nome para a travessa dêste, onde hoje está um moderno estabelecimento de alfaias agrícolas.

Muitas vezes ali fui, com alguns malandrotos da minha idade, ao *pescanço das iscas* e, até, de uma vez, acertando com o anzol no cabo da frigideira, a voltei e fiz entornar o mólho, valendo-me a façanha o ter vindo o galego atrás de mim, de garfo em punho, até ao largo da Biblioteca, onde por uma unha negra não fui pilhado e sacrificado pelo hercúleo e figadal inimigo — passe o adjectivo sem *calembourg*.

Na travessa de S. Domingos, defronte da igreja, no recanto, havia e há outra *casa das iscas*. Aformoseou-se, porém, e, hoje, está convertida em uma espécie de casa de pasto, com petiscos vários, embora as *iscas* figurem ainda na ementa, mas já sem o *savoir faire* do espadaúdo galego que as manipulava, pois que eram das melhores e mais saborosas de Lisboa.

Na rua da Atalaia, no Bairro Alto, como quem vai para o Cunhal das Bolas, outra *casa de iscas* teve fama, mas com desgosto vi, há tempos, a casa também a transformar-se, sem a tosca mesa de madeira que havia no vão da escada, perto dos boiões de banha de porco, sem a frigideira e o alguidar das *iscas* à porta, sem, enfim, o pitoresco e o original do glorioso piteu de outros tempos.

Também se modificou uma *casa de iscas* que havia na Travessa da Queimada, à esquina de S. Roque, junto do antigo *café dos jornalistas*, assim chamado por nele se reunirem de manhã cedo os vendedores de jornais. E outra *casa de iscas* da Travessa da Palha emparelhou, deixando a especialidade, com as casas de pasto que ora enxameiam a rua e oferecem petiscos baratos à freguesia.

(Continua)

“Affô, Portugal! Aqui Alemanha”

“Fala a emissora alemã de ondas curtas”

NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
(TODOS OS DIAS)

HORAS	POSTOS	METROS	KCS
16,15 às 16,30	D Z H	20,75	14.460
	D Z E	24,73	12.130
	D X S	19,79	15.160
18,45 às 19,00	D J D	25,49	11.770
	D J C	49,83	6.020
20,30 às 20,45	D J Q	19,62	15.280
21,30 às 21,45	D J Q	19,62	15.280
	D Z C	29,16	10.290
21,45 às 22,00	D J D	25,49	11.770
	D J C	49,83	6.020
0,00 às 0,15	D J Q	19,62	15.280
	D Z C	29,16	10.290
	D Z E	24,73	12.130
2,00 às 2,15	D Z C	29,16	10.290
	D Z E	24,73	12.130

ACTUALIDADES EM LÍNGUA PORTUGUESA
(TODOS OS DIAS ÚTEIS)

HORAS	POSTOS	METROS	KCS
22,30 às 22,50	D J Q	19,62	15.280
	D Z C	29,16	10.290
	D Z E	24,73	12.130
23,30 às 23,45	D J Q	19,62	15.280
	D Z C	29,16	10.290
	D Z E	24,73	12.130
2,15 às 2,30	D Z C	29,16	10.290
	D Z E	24,73	12.130

ESTORIL

COSTA DO SOL

A 23 QUILÓMETROS DE LISBOA

Excelente estrada marginal

Rápido serviço de combóios eléctricos

A mais elegante praia do País

TODOS OS DESPORTOS — Golf, Tennis,

Hipismo, Natação, Tiro, etc.

ESTORIL-PALÁCIO-HOTEL, Luxuoso e confortável

HOTEL DO PARQUE, Moderno e elegante

HOTEL DE ITÁLIA, Preços moderados

ESTORIL-TERMAS, Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

TAMARIZ, Magníficas esplanadas sôbre o mar. Serviço de Bar

Piscina de água tépida — Sala de Armas

Escola de equitação — Stand de tiro

CASINO — Aberto todo o ano — Cinema — Concertos — Dancing — Restaurante — Bars — Roleta — Banca francesa — Baccará

PARA INFORMAÇÕES DETALHADAS DIRIGIR-SE À
SOC. PROPAGANDA DA COSTA DO SOL-ESTORIL



MISERICÓRDIA DE LISBOA

LOTARIA NACIONAL PORTUGUESA

Os lucros revertem para a Misericórdia de Lisboa, Hospitais Civis, Casa Pia, Menores em Perigo Social e Assistência Pública da Colónia de Moçambique

Extracções semanais — Prémio maior 400.000\$00

GRANDE LOTARIA DO NATAL

A 20 DE DEZEMBRO DE 1941

Prémio maior 6.000.000\$00 (seis mil contos)